

CORRESPONDÊNCIA

A. J. L. L. — Porto — Bibliografia. — Para uma iniciação nas doutrinas do Círculo de Viena, leia :

a) Philipp Frank — *Le principe de causalité et ses limites* (Flammarion).

b) R. Carnap — *La science et la métaphysique devant l'analyse logique du langage* (Hermann).

c) Moritz Schlick — *Enoncés scientifiques et la réalité du monde extérieur* (Hermann).

Para uma iniciação nos conhecimentos da Física moderna :

a) Ruy Luís Gomes — *A Relatividade Restrita*, uma das melhores obras elementares sobre a Relatividade:

b) A. Einstein et L. Infeld — *L'évolution des idées en physique*, obra admirável como síntese, didatismo e vulgarização.

c) L. Fabre — *Les théories d'Einstein*, resumo muito exacto, feito com grande clareza e ordem excelente.

d) Hans Reichenbach — *Atome et Cosmos*, obra magnífica de vulgarização, ocupando-se de Espaço, Tempo, Luz, Matéria, Panorama actual do Mundo e relações do Homem com o Mundo.

e) L. de Broglie — *La physique nouvelle et les quanta*.

f) Thibaud — *Vie et transmutation des atomes*.

A literatura de divulgação que pretende é hoje bastante rica, sobretudo em França, e não podemos senão indicar alguns livros ao acaso, escolhidos dentre os melhores que conhecemos.

A. L. C. — Lisboa — História de Arte. — Leia a obra de Salomon Reinach «*Apollo — Histoire générale des Arts plastiques*»; no género «síntese» que pretende é sem dúvida o que há de melhor (ed. Hachette).

Pissarro. — Foi, sim senhor: Pissarro foi gravador, e a gravura foi mesmo, diz Cl. Roger-Marx, a grande paixão da sua vida. «De todos os impressionistas — tomando esta palavra no seu sentido mais largo e mais vago — Pissarro é, com Degas, aquele cuja obra gravada aparece mais importante, quer sob o ponto de vista da quantidade, quer da qualidade». Dos outros, uns, como

Monet, não gravaram; outros, como Cézanne, Renoir, Gauguin, Sisley, Giullauim, só acidentalmente o fizeram. Pissarro gravou muito. A maior parte das suas gravuras, reproduzem, por assim dizer, os temas tratados nos quadros, nas «gouaches» ou nas aguarelas.

E. S. L. — Lisboa — Doutrina de Buddha. — Toda a doutrina de Buddha é fundada nas chamadas «quatro nobres verdades»: 1.^a — Tudo o que existe é submetido à dôr; 2.^a — A dôr tem a sua origem nas paixões humanas; 3.^a — A libertação das paixões liberta da dôr; 4.^a — O caminho para a libertação é o «nobre caminho dos oito membros». E', como vê, essencialmente pessimista; «não há na terra uma religião fundada sobre base tão pessimista, e cujos adeptos estejam tão profundamente penetrados, como no budismo, do nada e da miséria desta vida. Não se pode imaginar uma verdadeira religião sem algo de pessimismo. Mas nenhuma disse com tão franca dureza, como o budismo, que esta terra é um vale de lágrimas», (R. Pischel). O «nobre caminho dos oito membros» a que se refere a 4.^a nobre verdade, é constituído pelos seguintes preceitos (sermão de Benarés): recta crença, recta resolução, recta palavra, recta acção, recta vida, recto entusiasmo, recto pensamento, recta meditação. O verso 183 do *Dhammapada* é particularmente claro e sucinto: «Omissão de todo o pecado, prática de todo o bem, pureza de coração; esta é a doutrina de Buddha». O fim pratico a atingir é a salvação; e a salvação, para o budista, significa: salvação do renascer. — Consulte *Vida e doutrina de Buddha*, do autor citado (ed. Revista de Occidente, Madrid) e Vallée Poussin, *Bouddhisme, études et matériaux* (Londres).

H. C. C. — Leiria — Bibliografia. — Para o fim em vista recomendamos-lhe a leitura de: *Les Matérialistes de l'Antiquité*, de Paul Nizan (ed. S. I.). Encontra aí uma admirável exposição da doutrina de Epicuro (bem como de Demócrito e Lucrécio) e alguns textos bem escolhidos que o elucidarão completamente.

